

**ELEIÇÕES
94**

SEGUNDO TURNO

Recomeçou a campanha. Valmir Campelo, acusa o PT de ser incompetente. Cristovam Buarque, convoca a militância

FRENTE A FRENTE

Valmir e Cristovam partem para o ataque

Valmir Campelo, da Frente Progressista (PTB-PP-PMDB-PFL), e Cristovam Buarque, da Frente Brasília Popular (PT-PPS-PSB-PCdoB-PCB-PSTU), voltaram a se enfrentar ontem na disputa pelo governo do Distrito Federal em entrevistas exclusivas para o Correio Braziliense. Embora se dizendo sem pressa, sob a alegação de que falta um mês para o segundo turno e as pesquisas o apontam

com 50% das intenções de voto, contra 39% do adversário, Valmir não perdeu tempo. "Cristovam não tem serviços prestados a Brasília", disse o candidato ao repórter Vicente Nunes, depois de chegar de quatro dias de descanso na Bahia. O petista, por sua vez, não deixou por menos: "O exemplo dele (Valmir) é o governador Joaquim Roriz, que responde a seis inquéritos na Polícia Federal". Na

conversa que teve com o repórter Carlos Setti, Cristovam, que acabara de retornar da Paraíba, afirmou que seu adversário "é um derrotado, pois entrou na eleição para ganhar no primeiro turno e agora mostra que está por baixo e precisa atacar". Valmir Campelo espera continuar tendo o apoio do governador Roriz, mas avisa: "O condutor da minha campanha sou eu".

VALMIR

"Para mim, quem vota no PT está optando pela incompetência e pela violência"

Zuleika de Souza 22-8-94



Correio Braziliense — Quando o senhor pretende iniciar a campanha para o segundo turno das eleições nas ruas?

Valmir Campelo — Ainda falta mais de um mês para as eleições. E não existe tanta pressa para isto. As primeiras pesquisas estão me mostrando como vencedor, com 50% dos votos, enquanto meu concorrente, Cristovam Buarque, do PT, está com 39%. Estou em uma situação bastante confortável. Quem tem que se preocupar em montar estratégias urgentes de campanha é o outro candidato.

Correio — Como está o caixa para a campanha do segundo turno?

Valmir — Temos as dificuldades que todos os partidos enfrentam, para conseguir dinheiro e fazer uma campanha maior, como queremos. Mas por enquanto está tudo sob controle.

Correio — O senhor tem mantido contatos com o governador Joaquim Roriz, para decidir sobre a campanha do segundo turno?

Valmir — Não tenho falado com o governador há dias. Mas sei que continuarei contando com o seu apoio. Quero ressaltar, porém, que o condutor de minha campanha sou eu. É sempre minha a última palavra sobre as estratégias que adotaremos.

Correio — Como o senhor está negociando o apoio do presidente eleito Fernando Henrique Cardoso? Já houve algum contato pessoal entre os senhores?

Valmir — Não. O presidente está descansando e não deve ser incomodado.

Correio — Muitos candidatos a deputados distritais que o apoiam no primeiro turno não foram eleitos começam a fazer um movimento para tentar elegê-lo. É uma forma de garantir um lugar no seu possível governo?

Valmir — Buscar apoio político é a coisa mais normal em uma campanha. O outro candidato também está fazendo isto. E todos já estavam engajados em minha campanha desde o início. São pessoas coerentes.

Correio — Qual vai ser a estratégia para levantar votos nas regiões onde os índices de abstenção foram mais elevados?

Valmir — Não se teve tempo de pensar no assunto. Mas pretendemos fazer uma grande campanha de esclarecimento sobre a importância de se comparecer às urnas. Vamos, também, realizar pesquisas qualitativas que nos mostrarão quais os caminhos mais viáveis a serem seguidos, para aumentar nossos índices de votação, onde o sucesso no primeiro turno não foi o esperado.

Correio — O senhor pretende adotar uma postura mais dura nessa etapa da campanha contra seus adversários?

Valmir — Eu estou criticando

com a possibilidade de perder essas eleições?

Valmir — Estamos em uma disputa. Mas não acredito nas chances de vitória do PT. Se isto vier a acontecer, será um grande problema para Brasília, porque quase 80% dos recursos da cidade vêm da União. E seria muito difícil um governo de oposição conseguir um bom relacionamento com o presidente eleito. O ideal é que eu, que sempre fui amigo de Fernando Henrique, assuma o comando de Brasília. A população daqui só tende a ganhar com isto.

Correio — Como estão sendo as reuniões entre o senhor e a sua equipe de campanha, para montar as estratégias para o segundo turno?

Valmir — Hoje (ontem) foi o segundo dia de encontro com a equipe. Estamos começando a fazer as avaliações do que foi o primeiro turno. Ainda não temos como dizer se os resultados alcançados foram positivos ou negativos.

Correio — Todas as pesquisas de intenção de votos apontavam o senhor como provável vencedor no primeiro turno das eleições. Como encarou o fato de ter que disputar um segundo turno? Houve algum erro estratégico?

Valmir — O fato de isto não ter se confirmado não significa que houve erros estratégicos. É bom deixar claro que as pesquisas indicavam minha eleição com pequena diferença.

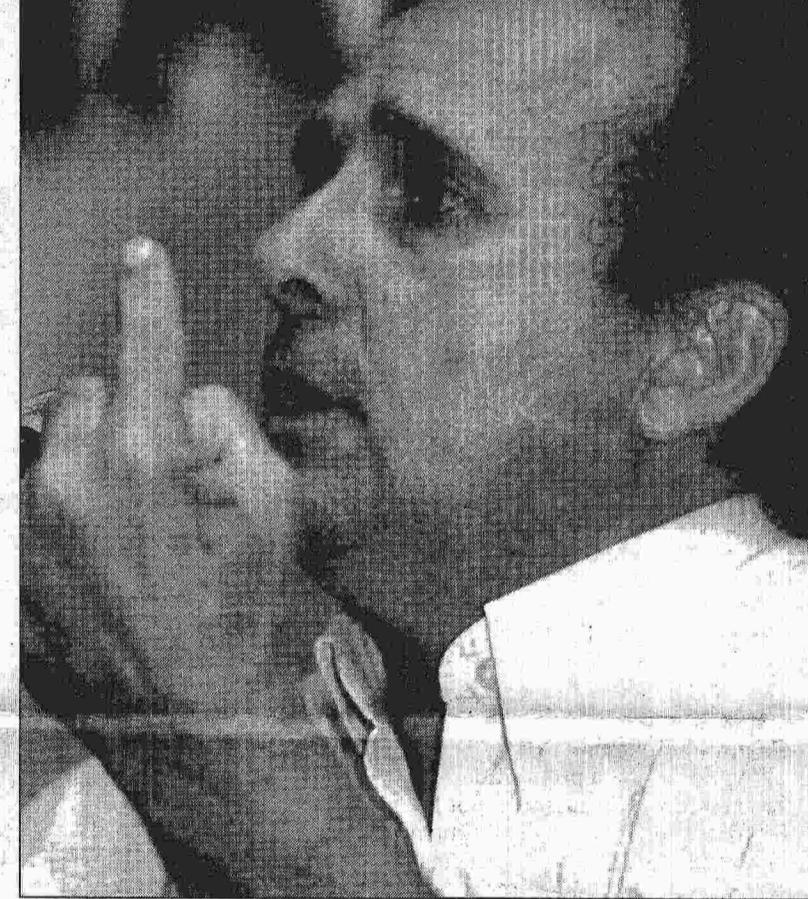
Correio — Esse é o discurso que o senhor vai usar nessa nova etapa da campanha?

Valmir — Vou procurar mostrar que não existe nenhuma sumidade no PT. E alertar os eleitores sobre o perigo que eles correm caso o candidato do PT se eleja. Eu vejo esse partido como uma guerrilha, que prega a violência. Para mim, quem vota no PT está optando pela incompetência e pela violência. E isto me preocupa muito.

Correio — O senhor trabalha

"Valmir nunca foi administrador num Brasil democrático. Ele foi gerente. E num outro Brasil"

Roberto Castro 24-8-94



Correio Braziliense — Como o senhor recebeu o apoio da candidata tucana Maria Abadia?

Cristovam Buarque — A decisão de votar na proposta da Frente Brasília Popular é uma decisão, a meu ver, natural, pela própria maneira como ela se comportou em oposição ao governo Roriz. Agora, a fala dela na televisão me emocionou, porque ela se mostrou uma política decidida. Como ela mesma disse, uma tucana que não fica em cima do muro.

Correio — Mas o senhor, durante a campanha, disse que ela era muito parecida com Valmir Campelo...

Cristovam — Eu nunca disse que ela era igual a Valmir, mas disse que ela tinha a mesma origem. Não vou negar isto. Mas tem umas diferenças grandes. É uma política que evoluiu. O Valmir tem o Roriz como exemplo e ela não. E além disto, durante a campanha, teve uma posição nitidamente de enfrentamento do fisiologismo, de denúncia da corrupção e com propostas que têm muito a ver com a ideia de geração de emprego, de prioridade à educação, de prioridade à saúde que nós temos também. Ela, diferentemente do Valmir, tem o direito de dizer que não pôs em prática isto, porque nunca participou de governos nos últimos anos. Valmir é do governo que está aí, responsável pelo caos.

Correio — Existe uma negociação para que o PT, por exemplo, apóie Mário Covas em São Paulo e o PSDB apóie o PT aqui em Brasília?

Cristovam — Eu torço para que isto aconteça, mas sem negociação. O PT não é um partido de negociatas. Até porque, as lideranças não mandam sozinhas nisto. Para tomar decisões deste tipo, vão ter que ouvir as bases. O que eu posso dizer é que, se eu fosse eleitor de São Paulo, votaria no Mário Covas. Não tem nenhuma dúvida sobre isto.

Correio — Valmir Campelo chegou do seu descanso reafirmando que o senhor foi um mau administrador da UnB. Como o senhor responde à crítica?

Cristovam — A opinião de Valmir Campelo sobre a administração da universidade não me interessa nem um pouquinho. Me interessa a opinião dos outros reitores, dos alunos, dos professores, dos funcionários da UnB. Para estes, não existe um menor dúvida de que eu fui um bom administrador. É só constatar a imensa votação que eu tive na UnB. O que Valmir conclui como sendo má administração é o fato de ter havido greves na minha gestão. Mas teve mais greves na administração Roriz. E com um detalhe: na minha administração, ne-

nhum greve foi contra mim. Todas elas foram greves nacionais de professores ou funcionários, nas quais eles participavam. O agente pagador deles é o Ministério da Educação, e as greves eram contra o ministro da época, não contra o reitor. Eu fui administrador num período que tinha a ver com a realidade de hoje, pós-ditadura, quando administrar significava dialogar, formular prioridades junto com a comunidade. Com um ambiente de crise, falta de dinheiro, democracia, e atividade sindical plena. Valmir não entende nada disto, porque nunca foi administrador num Brasil democrático. Ele foi gerente. E num outro Brasil. É mais ou menos dizer que foi um bom engenheiro em Marte e que por isto é um bom engenheiro na Terra.

Correio — O candidato Valmir Campelo já começou o segundo turno atacando o senhor. A campanha agora vai ter um tom agressivo?

Cristovam — O Valmir não voltou de um descanso. Voltou de uma eleição na qual se considera derrotado. Porque ele entrou na campanha para ganhar no primeiro turno. O que ele está falando é a característica de quem está por baixo e precisa atacar. Acontece que eu nunca fiz uma acusação subjetiva. Ele colocou a esposa dele me chamando de mau caráter na televisão. O que é mau caráter? Ladrão é objetivo, mau caráter não. Uma acusação ob-

jetiva a ele é dizer que votou na pena de morte. Como dizer que o exemplo de vida pública dele, o governador Roriz, tem seis inquéritos na Polícia Federal.

Correio — Qual a estratégia para tentar ganhar neste segundo turno?

Cristovam — Primeiro é continuar a campanha baseada em princípios, baseada na militância na rua. E a militância não tolera que o candidato fuja da coerência. Ela dá um norte para o candidato, um balizamento. Cada vez que você vai dizer uma coisa, você pensa nela. Com um candidato que tem todos os seus cabos eleitorais contratados, não existe coerência. Ele diz o que quiser. No fim do mês, a única coerência que ele tem é pagar o contracheque. Vamos centrar muito no programa de televisão, com propostas concretas e detalhadas. Os assentamentos vão ter atenção especial, porque são lugares onde temos tido menos votação. Mas foi uma boa votação, que me surpreendeu. A proposta da gente para os assentamentos é melhor, mais digna, não é fisiológica, como é a de Roriz e Valmir. É de igualdade com aquela população e é melhor para aquela população. Porque não é só o lote: é a escola, é o saneamento, é o emprego que o atual governo não proporcionou.